



Modelos Cognitivos Idealizados: analisando os processos de comunicação¹

Ilana Souto de MEDEIROS²
Ricardo Yamashita SANTOS³
Simone Cardoso Azevedo de MEDEIROS⁴
Universidade Potiguar – UnP, Natal, RN

RESUMO

Neste trabalho, pretendemos promover uma reflexão sobre os processos de comunicação, a partir da tríade envolvendo linguagem, cognição e cultura. Dentro desse escopo de análise, buscamos ressaltar que o processo de comunicação – compreendido como a associação de signos previamente categorizados – é, antes de tudo, organizado sistematicamente em estruturas cognitivas que abarcam diversos domínios do conhecimento: os Modelos Cognitivos Idealizados (MCI). Esses modelos são construídos cognitivo-culturalmente, através de percepções corpóreas advindas de valores, crenças, etc. Graças a eles que, segundo a proposta de Lakoff, organizamos diversos domínios do conhecimento, fundamentais aos processos de comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Linguagem; Modelos Cognitivos.

INTRODUÇÃO

A linguagem, enquanto capacidade humana substancial à comunicação, vem sendo alvo de análises e reflexões desde Aristóteles, há mais de dois mil anos. No centro dessas discussões, um elemento inerente a essa capacidade tem sido laboriosamente debatido: o processo de categorização. Como nomeamos as coisas do mundo? E como organizamos tudo isso em nossas mentes?

Nesse percurso histórico de mais de dois milênios, diversos estudiosos se ocuparam em explicar o modo pelo qual categorizamos o mundo. Aristóteles, por exemplo, afirmava que a base do processo de categorização centrava-se em traços essenciais. Nesse sentido, uma característica essencial que reuniria todos os humanos na categoria homem seria a racionalidade. Wittgenstein (1953), filósofo austríaco, rompeu com essa perspectiva ao trazer a compreensão de que categorizamos as coisas do mundo através de traços de semelhança por familiaridade. Eleanor Rosch (1976), psicóloga

¹ Trabalho apresentado no II08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Natal/RN, realizado entre 02 a 04/07/2015.

² Estudante de graduação 5º semestre do curso de Pedagogia da UnP, email: ilanasouto@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor e Coordenador do Curso de Letras da UnP, email: r.yamashita@unp.br

⁴ Estudante de graduação 5º semestre do curso de Pedagogia da UnP, email: simonef_medeiros@hotmail.com



americana, também estudou a categorização, mas sob uma perspectiva de efeitos prototípicos.

As contribuições deixadas por esses estudos são indiscutíveis, principalmente, porque permitiram, quando revisitados, novos entendimentos a cerca do processo de categorização.

Os estudos cognitivos da linguagem fizeram grandes avanços, pois buscaram compreender, além do modo pelo qual categorizamos as coisas, entender o que acontece depois disso, ou seja, como organizamos em nossas mentes os elementos já categorizados.

Esses elementos são organizados em Modelos Cognitivos Idealizados (LAKOFF, 1987), eixo central das nossas discussões neste trabalho, e facilitam a comunicação, uma vez que, ao nos comunicarmos, recuperamos diversos conceitos previamente armazenados nesses modelos.

Ao longo deste texto, detalharemos melhor o que são, para quê servem e o porquê dos modelos cognitivos serem essenciais à comunicação.

1 MODELOS COGNITIVOS

Os Modelos Cognitivos Idealizados são construções cognitivas advindas de nossas práticas socioculturais que acomodam vários domínios do conhecimento humano, sendo eles práticos e teóricos.

Esses modelos desempenham um papel imprescindível para a cognição humana, visto que, como relembram Duque e Costa (2012, p. 76), “[...] viabilizam o gerenciamento e uso do amplo conjunto de experiências adquiridas no dia a dia, durante toda a nossa vida”. Nesse caso, os MCI’s seriam toda a nossa estrutura de conhecimento de mundo, distribuída em nossa mente de forma organizada.

De acordo com Feltes (2011), os modelos cognitivos podem também ser entendidos como modelos culturais, uma vez que a nossa percepção de mundo está obrigatoriamente relacionada à nossa experiência humana de base sensorio-motora, social e cultural.

Esses modelos culturais não possuem informações completas, uma vez que sua natureza social lhes permite modificar-se e adaptar-se a variadas situações, não sendo, assim, internalizados de forma decisória, mas produzidos e reproduzidos de acordo com diferentes propósitos.



Nesse sentido, esses modelos serão preenchidos com atributos prototípicos de cada cultura. O modelo cultural AVE para brasileiros, provavelmente contemplará espécies como “beija-flor”, “bem-te-vi”, “arara”, etc. Por outro lado, indivíduos de regiões como o ALASCA, por exemplo, possivelmente preencherão esse mesmo modelo com espécies como o “pinguim”.

Logo, os modelos culturais, assim como os modelos cognitivos idealizados servem para organizar os diferentes domínios de experiências. Graças a essa organização que compreendemos o mundo e dele extraímos sentido.

2 TIPOS DE MODELOS COGNITIVOS IDEALIZADOS

Os modelos cognitivos – oriundos das nossas experiências sensorio-motoras e culturais – abarcam uma série de conhecimentos que são armazenados em nossa memória de longo prazo e regulados pela linguagem.

Esses modelos, embora estáveis, não são estruturas inflexíveis na medida em que, como nos lembra Chiavegatto (2009), podem ser modificados, acrescentando ou retirando informações, de acordo com novas experiências. Lakoff (1987) aponta para cinco tipos básicos de modelos cognitivos: a) esquema de imagens; b) proposicionais; c) metonímicos; d) metafóricos; e) simbólicos. No intuito de não nos distanciarmos das discussões principais deste texto – relacionar os MCI's com o processo de comunicação, nos limitaremos a comentar, brevemente, os dois primeiros tipos, foco de nosso interesse.

2.1 MODELOS COGNITIVOS DE ESQUEMA DE IMAGENS

Esquemas são estruturas cognitivas generalizadas sobre experiências motoras e sensoriais recorrentes (BERGEN; CHANG, 2003). Dito de outro modo, são padrões cognitivos construídos na mente humana – desde os primeiros anos de vida, provenientes de experiências concretas, experimentadas a todo instante pelo corpo físico em relação ao ambiente. Esses esquemas funcionam como estruturas de apoio para que possamos compreender domínios mais abstratos.

Duque e Costa (2012) elencam alguns dos esquemas resultantes de nossas experiências corpóreas: CONTÊINER, PARTE/TODO, LIGAÇÃO, CENTRO/PERIFERIA, ORIGEM/CAMINHO/META e ESCALA.

2.1.1 Esquema CONTÊINER

O esquema CONTÊINER diz respeito às noções perceptuais do corpo físico que passa a ser compreendido ora como recipiente, CONTÊINER, ora como conteúdo. Nesse esquema, também estão presentes as noções de INTERIOR-FRONTEIRA-EXTERIOR. Graças ao esquema CONTÊINER, somos capazes de construir, por exemplo, frases do tipo “Que lástima ele ter *saído da* família”⁵. Nesta última, o esquema poderia ser assim representado:

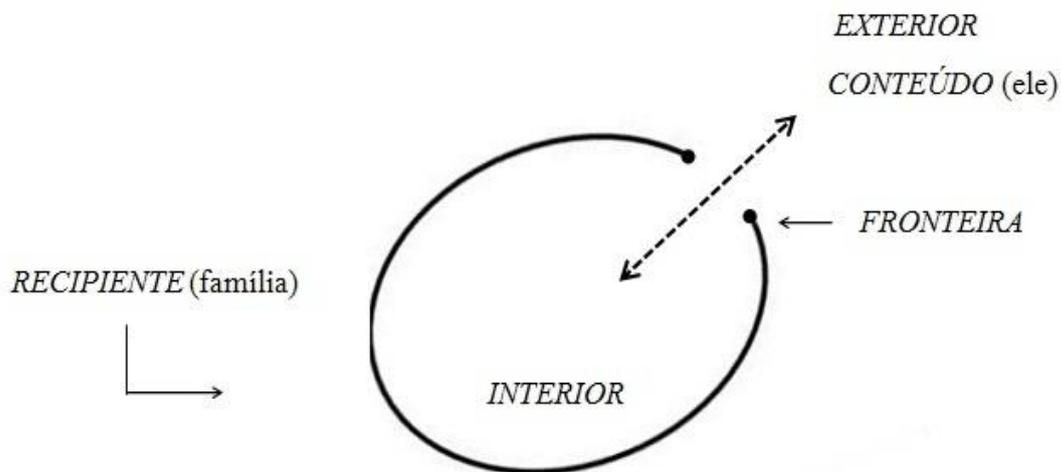


Figura 1: esquema CONTÊINER.

2.1.2 Esquema PARTE/TODO

No esquema PARTE/TODO, verificamos o modo pelo qual situamos os elementos do mundo: como partes pertencentes a um todo. Nossa própria constituição corpórea é compreendida através do esquema PARTE/TODO, uma vez que o corpo (TODO) possui, por exemplo, cabeça, tronco, braços, pernas, etc. (PARTE) (DUQUE; COSTA, 2012). Vejamos o seguinte exemplo trazido por Feltes (2011, p. 17): “Cada setor da sociedade deve fazer sua parte”. Poderíamos representar essa frase e o esquema PARTE/TODO da seguinte maneira:

⁵ Exemplo adaptado de Feltes (2011, p. 16).

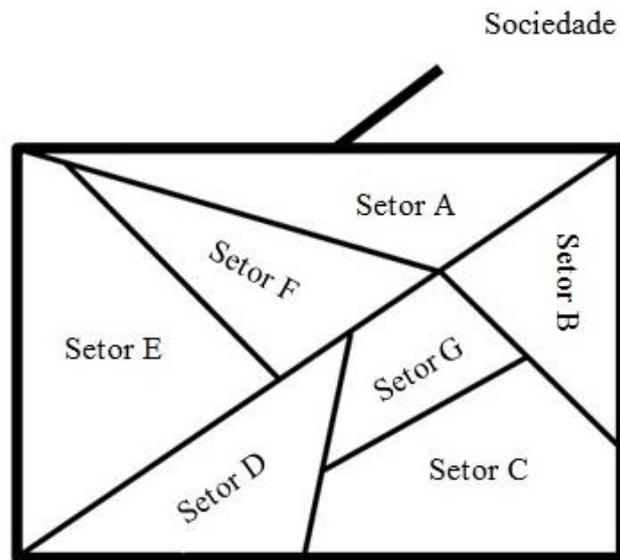


Figura 2: esquema PARTE-TODO.

2.1.3 Esquema LIGAÇÃO

O esquema LIGAÇÃO, experimentado mesmo antes do nascimento através do cordão umbilical, revela, como lembram Duque e Costa (2012, p.81), “[...] uma relação de dependência entre duas entidades”. Nesse sentido, o esquema LIGAÇÃO pode ser considerado um dos esquemas basilares da construção sógnica e, conseqüentemente, da estruturação da linguagem, uma vez que ao nomearmos os elementos do mundo estabelecemos uma ligação direta entre um significante e um significado.

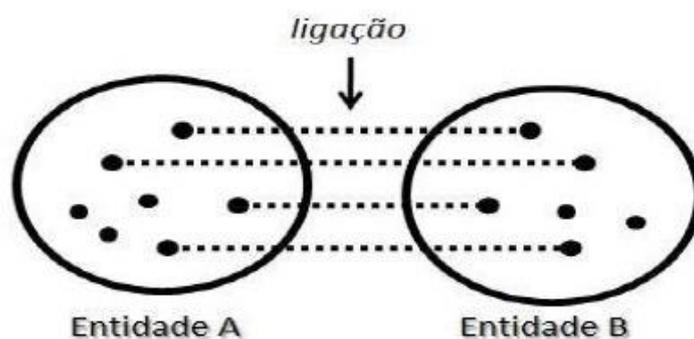


Figura 3: esquema LIGAÇÃO (DUQUE; COSTA, 2012, p. 80).

2.1.4 Esquema CENTRO/PERIFERIA

O esquema CENTRO/PERIFERIA diz respeito à nossa compreensão corpórea em estabelecer uma divisão entre as coisas consideradas essenciais (CENTRO) com

aquelas que não o são (PERIFERIA). Há, nesse sentido, uma relação de dependência da PERIFERIA para com o CENTRO. O esquema CENTRO/PERIFERIA serve de base, por exemplo, para construções do tipo “Precisamos trazer os menores abandonados ao **seio** da vida social” (FELTES, 2011, p. 18) e pode ser representado do seguinte modo:

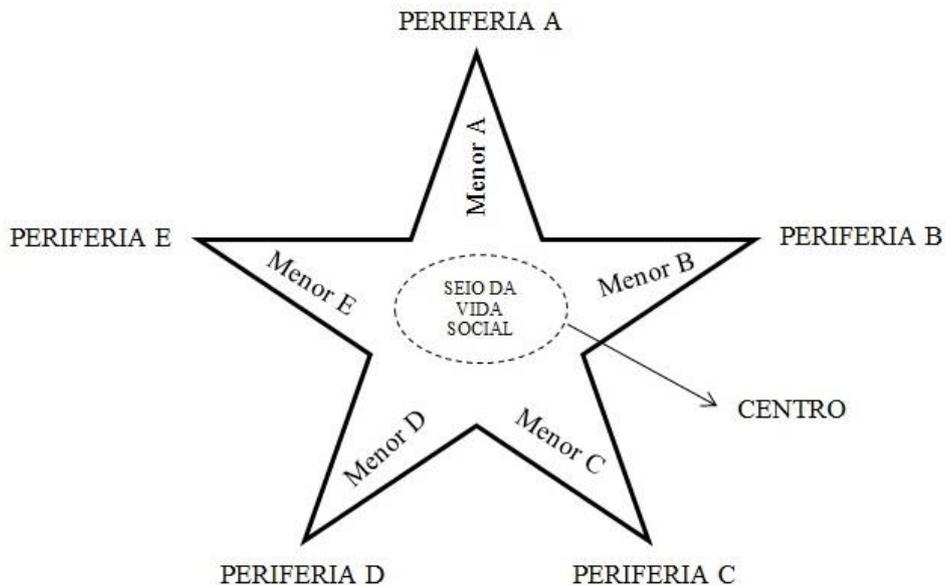


Figura 4: esquema CENTRO/PERIFERIA.

2.1.5 Esquema ORIGEM/CAMINHO/META

O esquema ORIGEM/CAMINHO/META envolve uma trajetória, onde se situam sempre um ponto de partida (ORIGEM), um percurso (CAMINHO) e um ponto de chegada (META). Feltes (2011, p. 19) afirma que o conceito PESQUISA se estrutura em termos deste esquema como, por exemplo, em frases do tipo “A pesquisa *partiu* da detecção da presença de flúor na água da represa” ou “A *cada passo* da pesquisa sabíamos que não podíamos recuar”. O esquema ORIGEM/CAMINHO/META pode ser assim sistematizado:



Figura 5: esquema ORIGEM/CAMINHO/META (DUQUE; COSTA, 2012, p. 82).

2.1.6 Esquema ESCALA

O esquema ESCALA é a base da nossa compreensão que relaciona nossas experiências concretas de acordo com graus de intensidade. Nesse sentido, normalmente associamos que “mais” equivale a “acima” e “menos” a “abaixo” (DUQUE; COSTA, 2012). No cenário econômico, são comuns os usos de expressões metafóricas cuja base se encontra no esquema ESCALA como, por exemplo, em “os preços estão em alta” ou “os preços caíram”.

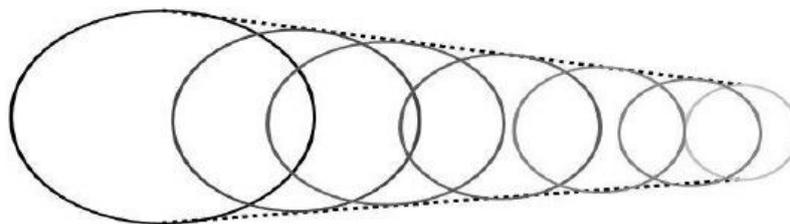


Figura 6: esquema ORIGEM/CAMINHO/META (DUQUE; COSTA, 2012, p. 82).

2.2 MODELOS COGNITIVOS PROPOSICIONAIS

Os modelos proposicionais são estruturas básicas que não necessitam recorrer a mecanismos cognitivos como, por exemplo, metáforas e metonímias, visto que suas entidades possuem propriedades e relações conectadas entre si (FELTES, 2011). São modelos cognitivos proposicionais:

a) Proposição simples: possui uma ontologia do tipo argumento-predicado, ou seja, um conjunto de elementos é ligado a um predicado básico. Recorre aos esquemas PARTE-TODO – argumentos e predicados são PARTE e a proposição o TODO – e LIGAÇÃO, nas relações semânticas estabelecidas (FELTES, 2011). O seguinte exemplo ilustra o modelo de proposição simples: “inglês e francês são idiomas”. Os argumentos INGLÊS e FRANCÊS são ligados pelo predicado IDIOMAS.

b) Cenário ou *script*: refere-se às inferências previamente organizadas em relação às sequências de um determinado evento. Feltes (2011) exemplifica esse modelo proposicional através do evento IR AO RESTAURANTE, que envolve:

- (1) *Ator* vai ao *restaurante*
- (2) *Ator* senta

- (3) *Ator pede uma refeição ao garçom*
- (4) *Garçom traz a refeição para o ator*
- (5) *Ator come a refeição*
- (6) *Ator dá dinheiro ao restaurante*
- (7) *Ator sai do restaurante.*

c) Estrutura de Feixe de Traços: caracteriza-se por uma ontologia baseada nos traços – propriedades – de um determinado conceito e é estruturado pelos esquemas CONTÊINER e PARTE-TODO. O conceito AVE⁶, por exemplo, é pensado em termos de propriedades como ASAS, PENAS, BICO, etc.

d) Taxonomia: os modelos taxonômicos são estruturas hierárquicas construídas cognitivamente e sua ontologia se constitui por categorias. Daí porque se organizam em termos dos esquemas CONTÊINER (nível da categoria), PARTE-TODO e PARA CIMA-PARA BAIXO (hierarquia). Têm-se como exemplo desses modelos, os sistemas de classificação da zoologia, da botânica, entre outros (FELTES, 2011).

e) Categoria Radial: são estruturas que agregam subcategorias em uma categoria maior. Esse modelo se organiza através dos esquemas CONTÊINER e CENTRO-PERIFERIA (relação das subcategorias). O princípio básico da categoria radial é o de extensão, ou seja, um modelo central permite que a categoria se expanda. É possível verificar o caráter radial desse modelo através do seguinte exemplo:

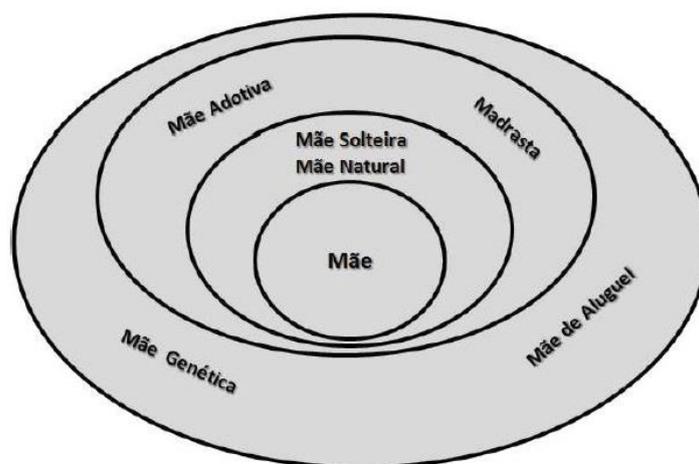


Figura 7: exemplo de categoria radial (SANTOS, no prelo)⁷.

⁶ Exemplo retirado de Feltes (2011, p. 24).

⁷ Exemplo retirado de SANTOS, R. Y. *A categorização como processo de construção do mundo: o que a teoria neural tem a contribuir para os estudos da cognição e da linguagem*. No prelo.

3 A IMPORTÂNCIA DOS MODELOS COGNITIVOS PARA A COMUNICAÇÃO

Ao longo deste texto, buscamos explicitar o que são e quais os tipos dos modelos cognitivos idealizados. Neste capítulo, demonstraremos sua importância no tocante ao processo de comunicação.

Os MCI's agrupam, em nossa memória, “blocos de conhecimentos” referentes a diversos domínios. Os conteúdos desses blocos permanecem em *stand by*, sendo acionados e imediatamente recuperados quando produzimos linguagem e, conseqüentemente, quando nos comunicamos. Vejamos um exemplo:

MCI SAÚDE	MCI ECONOMIA	MCI ENERGIA
. vitalidade	. finanças	. combustível
. disposição	. dinheiro	. força
. boa aparência	. riqueza	. necessidades
. bom funcionamento	. fatura	. produção
. FALTA DE SAÚDE	. licros	. produtos
. doença	. trabalho	. meios
. indisposição	. PROBLEMAS	. alternativas
. palidez	. desemprego	. petróleo
. médicos	. falência	. carvão
. hospital	. crise	. ventos
. dor	. pobreza	. águas
..... (etc)	. depressão	. abastecimento

Figura 8: representação gráfica dos MCI's (CHIAVEGATTO, 2009, p. 88).

Na figura 8, temos a representação gráfica de como esses blocos são organizados em nossa estrutura cognitiva. Cada um deles abrange um determinado domínio (SAÚDE, ECONOMIA, ENERGIA, etc.) e agrupa atributos a este relacionado.

Imaginemos uma situação corriqueira como assistir a um jornal televisivo, cuja principal reportagem trate dos problemas econômicos do país, como a pobreza, a crise e o desemprego. O apresentador/repórter do referido jornal só será capaz de se comunicar a respeito, uma vez que já possui armazenadas, na memória, essas e outras propriedades do MCI ECONOMIA. Do mesmo modo, aquele que recebe a mensagem – o telespectador – também precisa dispor dessas informações para que a comunicação, de fato, seja estabelecida.

Para sistematizar uma situação similar à anteriormente citada, observemos algumas notícias da seção economia do site UOL:



Figura 9: notícia I⁸.

Somos capazes de compreender uma notícia desse tipo graças aos atributos que compõem o MCI ECONOMIA como, por exemplo, dinheiro – dólar e a simbologia da moeda brasileira (R\$) –, crise, entre outros. Para um entendimento ainda mais refinado, além de acionarmos esse MCI, também acionamos modelos de esquemas de imagens, como o ESCALA, que nos permite compreender expressões como “Dólar sobe para...”. É válido salientarmos que esses processos ocorrem inconscientemente, de modo dinâmico e estão interconectados.

Vejamos outra notícia:

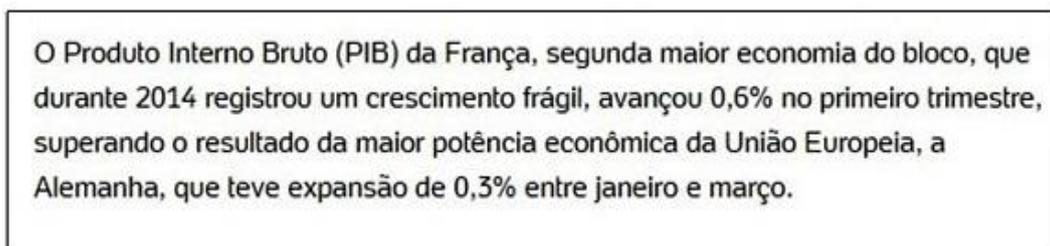


Figura 10: notícia II⁹.

Aqui, verificamos o acionamento dos esquemas ESCALA em “crescimento frágil”, ORIGEM/CAMINHO/META em “avançou”, PARTE/TUDO, sendo a França e a Alemanha PARTE e a União Europeia TUDO e CONTÊINER, sendo a União Europeia o RECIPIENTE e a França e a Alemanha CONTEÚDO. Para que compreendamos tal mensagem, além de acionarmos esses esquemas, nos servimos de determinados atributos do MCI ECONOMIA como Produto Interno Bruto (PIB), por exemplo.

⁸ Disponível em: <<http://economia.uol.com.br/cotacoes/noticias/redacao/2015/05/13/dolar-sobe-para-r-3039-em-meio-a-preocupacoes-com-atuacao-do-bc.htm>>. Acesso em: 14 maio 2015.

⁹ Disponível em: <<http://economia.uol.com.br/noticias/afp/2015/05/13/eurozona-registra-crescimento-de-04-no-primeiro-trimestre.htm>>. Acesso em: 14 maio 2015.

Na figura 11, também observamos o acionamento de esquemas de imagem – ESCALA em “queda das vendas”, “aumento da inflação”, ORIGEM/CAMINHO/META em “final dos incentivos” – e do MCI ECONOMIA em “inflação”, “poder de compra”, “incentivos tributários”, “crédito”, entre outros.

O IBGE atribuiu a queda das vendas ao aumento da inflação, à deterioração do poder de compra da população, ao final dos incentivos tributários para a compra de eletrodomésticos de linha branca e ao encarecimento do crédito, entre outros fatores.

Figura 11: notícia III¹⁰

Da mesma forma, um diálogo que verse sobre saúde – ou a falta dela, só se concretiza graças aos atributos desses MCI's (vitalidade, disposição, médicos, hospital, dor, etc.) que já foram previamente cognitivo-culturalmente construídos e armazenados em nossas memórias.

O que pretendemos tornar perceptível é que, assim como os exemplos mencionados anteriormente, nos servimos a todo instante, e nas mais diversas situações, do nosso acervo de modelos cognitivos idealizados para nos comunicarmos.

Em outras palavras, reiteramos que não é possível refletir sobre os processos de comunicação sem contemplar os modelos cognitivos idealizados, uma vez que, como afirma McCauley (1987, p. 293), a soma dos MCI's “[...] constitui a superestrutura do nosso conhecimento do mundo”.

Compreender a comunicação como resultado das relações entre inúmeros mecanismos da nossa arquitetura cognitiva, corrobora com o entendimento de que nossa mente é corporificada e que, por isso, não é mais possível dicotomizar conceitos como, por exemplo, razão e emoção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho, elencamos algumas das principais características a respeito dos modelos cognitivos idealizados – MCI's. Vimos que estes últimos são construtos mentais que se organizam em espécie de blocos, contendo diversos atributos acerca de um determinado domínio.

¹⁰ Disponível em: <<http://economia.uol.com.br/noticias/efe/2015/05/14/vendas-no-varejo-acumulam-2-meses-de-fortes-quebras.htm>>. Acesso em: 14 maio 2015.



Chamamos a atenção, também, para o entendimento de que eles não são cópias internas assimiladas da realidade externa. Isso significa que, antes de serem concebidos em nosso aparato cognitivo, tais modelos passam pelos filtros que abrangem nossas experiências sensório-motoras e culturais.

Discorremos, ainda, sobre alguns dos tipos de MCI's – modelos de esquema de imagens e proposicionais – para, finalmente, culminarmos naquilo que consideramos essencial neste texto: refletir sobre o papel fundamental que desempenham esses modelos no que se refere aos processos de comunicação.

Por fim, apresentamos algumas situações corriqueiras – como assistir a um jornal ou uma simples conversa sobre determinados temas – para evidenciar o fato de que só nos comunicamos graças aos conteúdos dos MCI's, que repousam em nossa memória em uma espécie de “modo de espera”, sendo acionados e recuperados sempre que necessário.

Nosso principal objetivo com este trabalho, além de abordar a comunicação sob um viés cognitivo, foi o de ressaltar que nossa mente, assim como todos os processos que a envolve, funciona numa relação de interdependência com nossas percepções sensório-motoras, atreladas a um contexto sociocultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGEN, B. K.; CHANG, N. C. *Embodied Construction Grammar in Simulation-Based Language Understanding*. Disponível em: <<http://www2.hawaii.edu/~bergen/ECG.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2015.

CHIAVEGATTO, V. C. Introdução à linguística cognitiva. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 16, n.24, jan./jun. 2009.

DUQUE, P. H.; COSTA, M. A. *Linguística Cognitiva: em busca de uma arquitetura de linguagem compatível com modelos de armazenamento e categorização de experiências*. Natal, RN: EDUFRN, 2012.

FELTES, H. P de M. *Semântica cognitiva e modelos culturais: perspectivas de pesquisa*. (mimeog.). Disponível em: <http://www.pessoal.utfpr.edu.br/paulo/semantica%20cognitiva_introducao.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2011.

McCAULEY, R. *The role of theories in a theory of concepts*. In: NEISSER, U. (ed.) *Concepts and conceptual development: ecological and intellectual factors in categorization*. New York: Cambridge University Press, 1987. p. 288-308.